

Jornal das Senhoras – Tomo I – domingo, 16 de maio de 1852 - Edição 20

Link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700096&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=181>

TOMO I – DOMINGO 15 DE MAIO DE 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS

modas, literatura, bellas-artes, theatros e critica.

o programa e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina.

## UM CONTRATEMPO.

Jura a boca o que desmente o coração.

Que horas são? – São nove, minha se« nhora. – A que horas me deitei « eu? – A's quatro da madrugada. « – traze-me um copo de agua com « assucar, e uma gota de agua de flor de la « ranja; fecha bem a janella, corre as cortinas, « – e não voltes ao meu quarto senão ao meio « dia.... Ouve; dá as sopas de leite á minha « galguinha *Zélie*, e vê se as flores que eu puz « hontem, podem servir esta noite entremeadas« com as outras azues, – manda a casa da *la* « *vaillant* buscar luvas e sapatos, e recommenda « que não me despertem; não quero ouvir bu « lha alguma. »

Assim dava as suas ordens uma elegante senhora, abrindo preguiçosamente a boca, e receiando que os raios do sol, que se escapavam pelas fendas das portas das janellas, viessem ferir seus olhos ainda mal abertos.

Cuidava a nossa elegante que de novo, o benefico somno que lhe pesava ainda sobre as cançadas palpebras, a faria recobrar a afilidade e viveza que na vespera tinha ostentado quando entrara no lindo baile, dado pela amavel condessa de ... ou quando atravessara os salões

sumptuosos colhendo admirações e louvores dos circunstantes, – e que assim poderia continuar a mentir affectos, durante o que na proxima noite devia dar um rico estrangeiro, baile de que havia muito se fallava nos elegantes e perfumados *boudoirs* das jovens esposas, nas salas das venerandas matronas, e nos quartos das timidas donzellas, que crêem que uma contradança é o supremo bem, e uma valsa ou uma polka a bemaventurança. Era nesse baile tão desejado que a nossa heroína punha todas as suas esperanças, para elle reservava todo o seu exercito de sedução: – ahi contava ella mostrar mais amabilidade, fazer pompoa ainda de mais ademanes do que na vespera fizera,apezar de se lisongear de que, com os que até ali usara, já havia captivado a admirração e attenções de todos os adoradores do bello sexo.

Suas esperanças porêem forão illudidas.... a

– 20 –

—153—

lembrança das contradanças que havia dançado, a graça deste ou daquelle par, que lhe vinha á memoria, as valsas a dois tempos, a que ella se sujeitava porque não se atrevia a reagir contra a moda, mas que detestava no fundo do seu coração, por fazer dadança mais voluptuosa do mundo a corrida mais sem sabor, um verdadeiro contra-senso.... as polkas emfim não a deixavão socegar: – não póde deixar fechar osolhos. Sejam os porêem sinceros, estas lembranças que se apresentavão agora tão distinctas, havião necessariamente ir pouco a pouco perdendo a força e acabarião por se confundir todas, até desaparecerem totalmente para cederem o passo a um sonho muito extravagante, ou talvez a horriavel pesadello. Não forão pois só estas reminiscencias as que lhe afugentárão o somno, foi o continuo pensar nas expressões que o mais elegante cavalheiro do baile the dirigira quando fora seu par em uma polka; e todas estas recordações, todos estes projectos, todas estas esperancas tumultuando na sua mente é que lhe mudárão o desejado descanso em inquieta vigilia.

Já nem cura de dormir, – agora o futuro baile é o único alvo de seus pensamentos.... e como poderá ella deixar de pensar em tal, como poderá ella deixar de comparecer nessa brilhante reunião, se elle lhe disse que também lá iria? – E’ verdade que só tarde, talvez mui tarde já podesse apparecer, mas que iria era certo, – tinha-lh’o promettido! – Oh! de certo hei de dançar com elle, dizia a nossa elegante comsigo mesmo: – elle que me disse que niinguem polkava melhor que eu, indubitavelmente me dará a preferencia.... que desgraça é, que se repare em que se dance mais que uma vez com o mesmo par! – Se assim não fosse, eu sem duvida seria o seu par fixo: oh meu Deos! Que prazer! – ver todas as minhas inimigas mordando, á

força do ciúme, os beijos tremulos de raiva, – com que gosto eu passearia diante dellas pelo seu braço – oh! E quando passeasse junto da L. ou proximo da F. – isso seria ainda melhor, então o meu triumpho seria certo: os meus adoradores, mais presos ficarião, e as minhas rivaes ainda mais abatidas do que ficarão hontem!... mas se tudo isto não póde ser, quero ao menos attrahir constantemente a sua attenção com o brillantismo e gosto da minha *toilette*. Elle disse-me que o azul devia ir bem ao mesmo rosto, seja pois toda a minha *toilette* desta côr....

Henriqueta? Henriqueta? Não me ouve! Henriqueta? Meu Deus! onde está o cordão da campainha? ah! ei-lo aqui: – Henriqueta?... – minha senhora! que teve? – ai! que susto! – a campainha cahiu pela força com que foi puxado o cordão! foi sonho? – Cala-te tola: dize-me, a modista poderá fazer-me um vestido para esta noite? – pode, se elle fôr simples – não é nada: é um vestido de gaze azul claro, sem outro enfeite mais que um rolo de setim da mesma côr, a minha *blonde* guarnecendo o corpo e este pouco degotado, alguma *passementerie* e mais nada; – para não perder tempo, vai tu mesma comprar o gaze, escolhe-o bom, e que seja exactamente da côr das flores, e manda tudo para casa da modista: prepara tambem o meu adereço de torquezas, parte, não te demores; eu vou, minha senhora; – ouve, deixa aqui o meu roupão, manda apromptar o meu banho, anda vai.... espera tonta, abre a janella, corre o *store*, e deixa entra a minha *Zélie*....

Ei-la já a caminho; e a nossa elegante saltando sem demora para fóra do mole leito onde contava descansar das fadigas da vespera; de nada mais se lembra agora, senão de correr ao espelho, para ver se tinha o apparecer mais cansado e abatido, e os olhos pisados....

– Meu Deus! As olheiras que eu tenho! e como estão embaraçados os meus cabellos! Se a touca me cahiu! eu estava tão cansada que nem me lembrou atal-a; em vindo Henriquet é-me necessario começar logo a desembaraçalos: *pauvre Zélie, viens ma biche, que tu es gentille*.... que côr que tenho hoje! Pareço desenterrada! é-me impossivel ir esta noite sem pôr algum carmim.... não posso deixar de pôr alguma côr; até para que não pareça que os meus olhos tem hoje menos vivacidade do que tinham hontem, o que não lhe escapou. Como elle é polido! que cousas que diz, que graças que tem! nada lhe escapa! E quanto me fez rir, pelo modo porque notava os defeitos da F. e da L., e como ellas olhavam despeitosas para mim! e como esses tolos que se lisongeam de que eu os amo, porque com expressões ambiguas lh'o tenho deixado acreditar, coitados! que caras tão compridas!... parecia que lhes sahião faiscas de fogo dos olhos, era o furor que tinham no coração que por elles rebentada! que medonho olhar! Eu confesso que não tenho nunca maior prazer, do que quando vejo os meus adoradores todos com

zelos um dos outros, desejando cada um rasgar o peito do seu rival para lhe beber o sangue, e depois eu....

– Tão depressa, Henriqueta?

—154—

– A modista não póde....

– Não póde! oh! meu Deus! ella não póde? que desgraça! ninguem é mais infeliz do que eu! dize, Henriqueta, conhecer alguém que possa comparar-so comigo? Lembra-me, minha senhora, que leve o seu vestido côr de cana.... tola, tola, haviar ficar-me bem um vestido amarello com o parecer que tenho hoje! antes ficar em casa – mas senhora.... – Henriqueta, tu és insupportavel, tu naceste para me contradizer! – deixa-me só, eu te chamarei quando quizer que entres.

Felizmente estou só: posso agora chorar á minha vontade, posso maldizer a minha sorte... maldita *levaillant!* não poder fazer um vestido tão simples! ella foi comprada sem duvida pelas minhas rivaes, se não fosse tão tarde ia já procurar outra modista.... mas prometto-lhe que não me há de fazer mais nada, que dirá elle quando vir acabar o baile, sem eu apparecer! que gosto para as minhas inimigas! Deus sabe se elle dançará! oh! de certo não: elle mostrou-me hontem tão claramente que me dava a preferencia sobre todas, que posso lisongear-me de que gosta de mim, e eu creio agora que posso vir a gostar d'elle.... que noite se me prepara!... como poderei eu dormir pensando que as minhas rivaes estão lá dançando, e que elle está lá! E se eu fosse com o vestido côr de canná? Impossivel! elle julgaria logo que me visse entrar, que eu não tinha reparado ou havia esquecido o que me disse a respeito das flores, azues! Nunca! eu passar por estúpida quando nem um só seu lançar de olhos me escapou, isso nunca! antes de morrer aqui de semsaboria e de ciumes. Melhor soffrer todos os tormentos do inferno, que parecer indifferente ao que elle me disse: dir-lhe-hei quando o encontrar, que o receio de que alli não fosse, por me ter dito que iria mui tarde, fôra a causa de eu ficar em casa não tendo muito appetite a ir a bailer, e aos outros direi que o cançasso da vespera, e uma enchaqueca foi a causa....

N'estes combates contínuos, passou a nossa desditosa senhora todo dia, mas nada se póde comparar com a situação quando chegarem as horas em que ella devia ir para o baile! Furiosa dizia então, – agora de centor entra elle, – ei-lo comprimentando F. e L. e ellas mui contentes de ahi não me verem. Fazendo taes deligencias, que elle não poderá deixar de pedir

alguma dellas para danças.... que raiva! Tomára já o dia de amanhã, que curiosidade... se ao menos alguém de minha casa fosse a este maldito baile, saberia o que n'elle se passou. Com que gosto eu estava de lá apparecer... e tudo, tudo perdido!!!

Os soluços cortarão-lhe a palavra, e n'este estado ouviu uma, e mais horas, até que pôde mais a fadiga que a desesperação....

Pela manhã, Henriqueta, que tinha adormecido sobre uma cadeira, aguardando que a chamassem, admirada de estar ainda vestida, e com lembranças confusas de quando na vespera se passara, entrou de mansinho no gabinete de sua ama, que achou dormindo recostada sobre um sofá, e cahido a seu lado um lenço ensopado em lagrimas!

CONDE DE MELLO.

### **Carta N. 1.**

Á – D. BELLONA.

Permiti, minha collaboradora, que em primeiro logar vos agradeça as lindas flores que hontem tivestes a bondade de enviar-me.

Bem sabeis quanto amo as flores, tão bellas, tão innocentes, e cuja existencia passageira, é o symbolo perfeito d'essas lindas illusões, que tão suaves nos embalão no começo da vida.... Ellas, assim como as flores, são bellas, innocentes, odoríferas e passageiras....

Agradeço-vos tambem que fosse o *Santos* o portador; diverti-me muito com a sua conversa. O tal songamonga, tomou o freio nos dentes e nada lhe escapa.... O bom do homem ainda não cabe em si, da admiração que lhe causa o seu novo emprego....!

Hontem assim que entregou-me as flores, mandei-o assentar, porque estava morta por fallar com elle.

– Então senhor Santos, como vae?

– Vamos remando minha senhora; muito obrigado!

– Eu já sei que o senhor está um espião verdadeiro, que nem a policia o poderia desejar melhor....

O *Santos* sorria com malicia.

– Qual, minha senhora; é verdade que eu ando por ahi, por esse mundo, abrindo os olhos e os ouvidos de tres palmos, para dar o gosto a minha muito querida ama, e não sei.... sim, quero dizer, não sei se terei sido util....

—155—

– Deve-o ser. Um homem como o senhor é, que niinguem suspeita, perdido entre a multidão, ouvindo este, espreitando aquelle....

– Minha ama só quer saber das novidades do dia, mas isto de espreitar vae sem querer; eu no principio não me importava, mas agra, devirto-me alguma coisita a fartar.

E poz-se de novo a sorrir, aquelle velho malicioso.

– Ora Sr. *Santos* conta-me alguma cousa d’isso, vamos, anda, falle-me.

– Mas o que eu hei de contar a senhora! Ora, era a senhora....

– Conte-me, por exemplo um dia inteiro, d’esses que anda por ahi, vendo e ouvindo.

– Ora eis ahi! para depois a senhora, ir pôr tudo em pratos limpos, assim como fez com o senhor seu primo, que encontreio entro dia amarrotando o *Jornal das senhoras* e jurando que nunca mais ha de lhe contar mais nada.

– Mas, senhor Santos, lembre-se que a D. Bellona, todas as noticias que da, é do senhor de quem as recebe; ella ja o disse assim mesmo letra redonda no nosso *Jornal*.

– O *Santos*, não respondeu nada; tirou a caixa, tomou uma pitada, limpou o nariz com seu lenço de quadros, tornou a guardar a caixa, e disse-me:

– A senhora tem razão.... minha ama foi publicar estas cousas, que agora, quando vou pela rua, e acho alguém com o *Jornal das Senhoras* na mão, eu apresso o andar, porque já me parece que ouço roçar-me cá pelos ouvidos – Ali vae o *Santos*!

Ora, minha senhora, para um homem de bem que passou grande parte da sua vida, asentado a cuxilar, no emprego de guarda portão... isto da gente ver-se assim, do dia para a noite, feito uma personagem publica, e com o meu nome em letra de imprensa....

Eu a custo sustinha o riso, dos ares meio tragicos, e do tom declamatorio de *Santos*.

Mas Sr. *Santos*, console-se; aqui estou eu que estou á frente da redacção, e aquem já quizerão beliscar muito innocentemente! nem por isso me assustei porque sei que as pessoas,

que não me conhecem, hão de suppor muitas cousas, cada um o que lhe aprouver; porêem eu fico sendo o que sou, sem tirar nem pôr.... e no entanto ando na rua sem susto, e ainda que muita gente olha para mim, com certo afinco, nunca desconfio que seja porque eu leve escripto na testa – « Redactora do Jornal das Senhoras. »

O *Santos* coçou as orelhas, limpou a manga do paletó, e respondeu sorrindo.

– A senhora, isso lá é outra cousa tem mais coragem do que eu... eu se escrevesse mais pequeno bilhete e fosse impresso, e com o meu nome em baixo, davão-me calafrios de desmaiar.

Ri-me das apprehensões do pobre homem, e continuei.

– Mas então não me conta o que fez hoje?

– Agora mesmo sahi de casa.

– E ainda nada viu que merecesse attenção.

– De ver, tenho ja visto algumas cousas; isso é verdade.

– Vejamos, falle?

O *Santos*, tomou mais uma pitada, tornou a limpar o nariz, e concluida esta operação, disse-me encarando-me muito sério.

– Sabe a senhora, que estudando de vagar todo esse mundo, a gente só vê enganos ? que guerra! que guerra minha senhora!

– Isso já é velho, Sr. *Santos*, o mundo nunca foi melhor nem peor do que agora é.

– Pode ser; assim mesmo a senhora não é tão velha....

– Oh! oh! atalhei-o eu0; tenho vivido demais, conheço o mundo; mas ande, falle, o que viu hoje?

– Ah! minha senhora, disse o *Santos* suspirando tragicamente, hoje vi o que vejo todos os dias desde que deixei o meu querido banquinho lá no chaguão do hotel de minha ama. Vejo, em primeiro logar os pretos e pretas a chingarem-se no meio da rua com tanta immoralidade, capaz de fazer tremer a S. Antonio.

Que pouca vergonha! elles, elles é que chamão a gente de *cambada*!!.. Veja as moças desde cedinho tratando logo de seus namoros, e os homens, que desgraça minha senhora, quasi que não fallão de outra cousa.... logo que são dois juntos; começam por narrar as doenças, e

acabão por criticar desta on aquella moça; e um se namora tres, o outro diz que tem cinco em prespectiva, que ainda não escolheu, e nese intervallo vae entretendo-as, salvo a deixal-as em branco se achar uma sexta que lhe agrade.

Minha senhora, é uma mania, desde os velhos até os fedelhos, desde os brancos até os pretos, tudo está a fallar das moças.... que planos de campanha!

– E ellas, Sr. *Santos*, pescou alguma cousa dellas?

– Oh lá, se pesquei. Sabe a senhora porque tardei agora com as flores e o recado de minha

## JORNAL DAS SENHORAS

### BARQUEIRO

### BARCOROLLA

### MUSICA DE LACOURT







A cantar ruides endeixas passo odia sau-do-so, passo

cres — — — cen — — — — —.



Dia sau — do — so, e a tarde a tarde ao pôr do Sol

— — — — do



Vou repousar ventu-ro—so

tra la, la, la A

remar nesta bar ca pe - lo Mondego vou. de glorias vãs não

remar nesta bar – ca pe – lo Mondego vou, de glorias vãs não

cui do e venturoso sou. tra, la, la, la, la, la,

cui – do e venturoso sou. tra, la, la, la, la, la

tra, la, la, la, la, la, tra, la, la, la, la, la, tra, la, la, la, la, la.

Tra, la, la, la, la, la, tra, la, la, la, la, la, tra, la, la, la, la, la

Roque embora a tempestade,

**Estale ao longe o trovão,  
Sempre esp'ranças, nunca sustos.  
No meu terno coração.  
Tra, la, la, la!  
Tenhão outros em seu peno  
A sêde de dominar  
Que eu só tenha na minha alma  
Esperança e paz no amar  
Tra, la, la, la!  
Que importão as pompas da côrte  
As grandezas de um monarca.  
Se no throno há venturas  
Como há em humilde barca!  
Tra, la, la, la!**

—156—

ama? pois eu lhe conto. Entrei na candellaria para fazer oração, porque eu cá sou christão velho e de mais a mais catholico apostolico romano. Pois lá havião algumas pessoas; mais eu ajoelhei, Deus bem o sabe, com a tenção de rezar, o demonio deu em andar espantando as moscas com o rabo em roda de mim, e logo que vejo duas criaturas juntas já todo eu sou olhos e ouvidos, com esperanças de pescar cousas que valha!.. Deus me perdôe, mais a minha ama é que é culpada de tudo... e mesmo de eu começar a rezar e ficar no meio sómente por espreitar o proximo, pois como já lhe disse havião algumas pessoas, entre ellas, duas mamães e duas filhas, as velhas, veja a senhora como está perdido este mundo, as velhas estavam a conversas dos desaforos das pretas – na igreja!!! e ao depois começarão a fallar em fritadas e em receitas de doces.. As meninas, essas fallavão em namoro.... ali mesmo! E uma dizia com toda a dessimulação, á outra.

– O Carlos está tardando.

– Pois você lhe mandou dizer que viesse! replicou a outra e sem levantar os olhos do livro da missa! hypocrita!

– Então? retornou a outra, mamãe não quer vel-o nem pintado só por ser militar, mas eu gosto d’elle, por força que hei de o ver seja onde fôr.

Vê, minha senhora, vê.... dizia o *Santos*. Dentro de uma igreja, a conversarem no demo!!!

Entretanto que o *Santos* tomava mais uma pitada, eu dizia cá com os meus colxetes.

« *O peor caminho de curar amores é contrariar-os!* »

– Pois, continuou o *Santos*, d’ali a bocado chegou o tal Carlos, e as meninas a dar-se com o cotovello, e a velha, que parecia ser a mãe, a olhar em roda toda desconfiada, mas o demo do rapaz tinha-se collocado donde ella não podia pescal-o.

Já se sabe, as meninas tudo erão risadinhas de boca pequena, olhares ás furtadellas, e um cuxixar entre os dentes.... parecião que tinhão o demo no corpo...

Depois sahi da Igreja, e vinha ahi por uma d’essas ruas, quando vejo um sujeito d’oculos entrar em um hotel com o *Jornal das Senhoras* na mão dizendo:

– Ah! isto é para a gente arrebentar de colera....

Eu, assim que ouvi fallar no *Jornal*, logo zás’ atraz do suejeito, e já pedindo para disfarçar uma taça de café, mas com os ouvidos a lerta.

– Outro sujeito que lá estava chegou-se ao dos oculos e todos dois começaram a fallar do *Jornal*.

– O que Sr. *Santos*, o que? acudi eu logo.

– Lá vou minha senhora, lá vou, que estou cançado, isto dito o *Santos*, tira a caixa e começa a carregar o nariz de tabaco e a preparar-se, com tal minuciosidade que eu esperei pelo menos uns cinco minutos para ouvir – o que vos direi na minha seguinte epistola, presada D.Bellona.

**A MINHA ALDEA.**

**CANÇÃO**

OFFERECIDA A MEU PRESADO TIO O ILLM. SR. A. F. DA C. AREAS.

Cuma saudade, meu tia, a florzinha poetica que eu venho offertar-vos; uma saudade colhida no árido e triste jardim do meu coração. A melancolia que atinge suas petalas, retrata o doloroso pungir de minha alma, nesse acerbo pungir da saudade do que no mundo há mais para se sentir e gozar. Quem, abrigado pelo saudoso e limpido céu da patria, passou a aurora mais fragueira e risonha da vida, sempre alastrada de jasmins e violetas; quem gozou os meigos e melifluos carinhos de uma mãe adorada, os ternos e santos conselhos de um pai querido; quem fruiu todos estes enlevos d'alma, que lhe fazião crer o mundo como um grande livro todo repleto de encantos e ledas venturas, cujas paginas brilhantes erão a serie não interrompida de dias formosos e placidos que se succedião uns após outros, illuminados pelo radiante e vivificador sol da patria que derramava em nossos corações o fogo celeste de arroubadas delicias; quem, repito, recostado no candido seio da ventura, fruiu todos estes enlevos d'alma, e depois os viu fugir roubados pela mão cruel da speração – que sinta, que avalie o que é uma saudade pela terra natal, e por todos aquelles bens que nos lá ficarão.

Vai, oh doce, fresca brica,

Vôa á patria mui presada;

Sóbe o Tejo, cruza o Douro,

Busca a minha aldêa amada.

—157—

Lá verás a reluzir

Linda casa á luz do sol;

Ao portal véla um cantor,

E' o cantor um rouxinol.

A lado orpheu, em q'á tarde

A voz sólta em ais carpidos;

Tambem tristes como os seus

São meus cantos doloridos.

Em seus languidos requebros  
Chora o vale a selva amada;  
Como elle tambem eu choro  
Minha'aldêa tão presada.

Corre, corre, leve brisa,  
Prestes vôa ao lar paternos,  
Dorte amiga vá contigo,  
Guie-te a mão de Deus Eternos.

Velho freixo lhe sombreia  
Branca frente alevantada;  
No tronco verás escripto  
Vernos meus á minh'amada.

Lindos versos inspirados  
Por seus olhos côr do céu,  
Quando a pallida Diana  
Desenrola o manto seu.

Templo augusto eleva ás nuvens  
Sua torre magestosa;  
E' a atalaia d'aldêa,

A atalaia mais donosa.

E o bronze do campanaria

N'horas santas de rezar,

Uma oração ao Senhor

Me vinha sempre alembrar.

E quando os hymnos festivaes

O duro sino tangia,

Em meu peito despertava

Mais uma nova alegria.

Corre, corre, leve brisa,

Prestes vôa ao lar paterno,

Fende os ares como o raio,

Guie-te a mão do Deus Eterno.

Linda fonte, pouco além,

Lá verás a sussurrar,

Linda fonte em que eu á tarde

Ia a sêde mitigar.

Sua argentea, pura limpha,

Do cri tal deslumbra a côr;

Seus murmurios, doces, meigos,

São meigas phrases de amor.

Alvo cinto transparente  
Cinge o prado, banha a flôr,  
A's ervinhas dá mais vida,  
Aos arbustos mais verdor.

E essas rosas tão mimosas  
Que aviventa a limpha pura,  
Vão ornar dâs donzellinhas  
Alvos seios de candura.

E são tão lindas, tão bellas,  
As bellas da minh'aldêa!  
Oh! seus peitos são de virgem  
Lucasto amor não anceia.

Corre, corre, leve brisa  
Prestes vôa ao lar paterno;  
Boas fadas t'acompanharem,  
Guie-te a mão de Deus Eterno.

Vai pisar n'essa querida,  
Tão saudosa habitação,  
Lá onde affagos gozei,



Nascidos do coração.

Onde, por entre serenos,  
Almos dias de ventura,  
Minha infância percorria  
Sem prazeres, sem tristura.  
Onde na aurora da vida,  
Tão repleta de encautar,  
Gastava os risonhos dias  
Entre jogos e folgar.

Oh! tão divos gozos d'alma  
Que m'aditavão a vida,  
Onde, onde os gozarei  
Longe da patria querida?

Patria! Oh! terra minha amada,  
Juventude e meus amores!  
Quantas vezes vos recordo  
Neste exilio d'agras dôres?

Oh! vinde, sêde bem vindos,  
Fagueiros sonhos doirados,  
Vinde recordar da infância

Doces, bens já passados.

Dos meus brincos innocentes,

Desse sentir e fozar,

Vinde, meus vellados sonhos,

Vinde a meute povoar.

Ah! vai, corre, doce brisa,

Prestes vôa ao lar paterno,

Fende os ares como o raio,

Cuie-te a mão de Deus Eterno.

Mal apenas chegares

Entra manso, sem rugido;

Pára, escuta, talvez ouças

Um ai longo, mui sentido.

Logo após um nome d'homem

Arrancado ao coração,

De doce pranto banhado,

Seguido d'uma oração.

—158—

Brisa, esse ai que tu ouvires,

Um ai triste de sandade,

Soltão-nos os lavios d'um pai,

Eugendra-o a terna amizade.

Esse nome, as doces lagrimas,

Essa oração tão sentida,

E' o nome d'um filho ausente,

Preces d'uma mãe querida.

Quem me derá, oh minha brisa,

Voar contigo ao meu lar,

Ver o Céu da min'aldêa,

Meus pais ternos abraçar!

Ver o patrio, lindo Douro,

Com as margens d'encantar,

Ouvir das aves tão bellas

Seu canô o gorgea.

Ah! vai, corre, doce brisa.

Prestes a vôa ao lar paterno,

Sorte amiga vá contigo,

Guie-te mão de Deus Eterno.

Em tuas azas ligeiras

Leva um suspiro a meus pais,

Um suspiro mui saudoso,

Meu pensar e ternos ais.

E á minha querida aldêa,

Caro edem e freixo annoso,

Ao erguido campanario,

Plumeo vale harmonioso;

A' fontinha susurrante,

. A's vellas da minha terra,

Leva-lhes um longo adeus,

Que meu amor e alma encerra.

Corre, corre, leve brisa,

Prestes vôa ao lar paterno,

Fende os ares como o raio,

Guie-te a mão de Deus Eterno.

A. P. da Costa Jubim

### **CHRONICA DA SEMANA.**

Que vos direi da semana que passou, tão cheia de novidades? Pouco, para não acostumar-me a escrever muito, que é o mesmo que ser muito falladora. E nessa semana há tanto que dizer.... Adeos; mudemos de assumpto; não se metta Sra. Bellona em bicos de canivete que Vmc. é mulher, de acanhada intelligencia e sem lá essas apuradas instrucções para fazer brilhanturas. Mas ainda que as fizesse; estamos por em quanto tão mal conceituadas no juizo da metade ou na metade do juizo dos homens, que por certo elles me não acreditarião, e o que é mais lastimavel, havião de dizer por ahi que a produção não era minha. Ora dá-se... E eu queimando as minhas pestanas!

Quantas vezes tenho eu ouvido dizer na minha bochecha (notem que eu sou bochechuda) – o artigo *tal* do *Jornal das Senhoras* não é feito por mulher; nada, aquillo não é linguagem de mulher.

Querem mais claro? e a mulher aão pode usar da linguagem do homem!!!! E’ por tanto uma linguagem previligiada (lá e capou um termo que não é de mulher!) á minha vista avançarão uma proposição tão fôfa, tão mesquisa que – me causou dó! Dos mais, que os não ouço, nem os pretendo offender, estou certa encontrar entre elles muita gente de merecimentos reaes, que sabe dividir com o seu proximo (e que proximo... tomárão elles estar bem chegadinhos.) a intelligencia e a illustração, pápá fino que todos arrotão sem o ter comido.

Isto é um cavaquinho, ou um paresis que fechei agora nesse momento; não a admitto nem mais uma virgula. *Tour de main a vos places.*

E’ incontestavel, condescente leitora, a semana que se foi, bom será que da familia a mais feia seja ella só: as noticias que ella nos trouxe de fóra, os vapores (navios) soçobrados, nem menos de tres, as pessoas gente que sucumbirão victimas desse lamentavel successo, entre elles um nobre e o esperançoso moço brasileiro no vapor *Porto*, os fracassos cá de casa, e *o canto e não canto e há de cantar*, são cousas todas estasa que penalisão e contristão a quem nãao tem um coração de pedra-lipis.

Que na força do amor forte e viçoso

Reconhece no amante um gran baboso.

Estes dois versinhos provocárão-me o desejo de escrever os, e neste momento lembro-me de uma pequena canao – O engano – feita pelo nosso jovem e talentoso poeta, Carlos Augusto de Sá, autor das lindissimas e suaves poesivas – Segredo da minha alma. Vamos a elles para vos não roubar o tempo precioso que estaes repartindo com a leitura desta chronica mal alinhavada.

As faces do teu semblante

São, Faustina, são preciosas,

Tão bellas e tão mimosas,

Qne se julgão ser, distante,

Frescas rosas.

N'outro dia passeavas  
No prado por entre flores,  
E do sol aos seus ardores  
Tu, faustina, te occultavas  
Nos verdores,

—159—

O Zephiro namorado  
Tuas faces procurava;  
E nm beijo n'ellas dava  
Amoroso e com agrado;  
Pois julgava

Serem flores graciosas,  
Qu'entre as folhas se escondião:  
Tuas faces o sentirão,  
E do côres vergonhosas  
Se cobrião.

Mais lindo foste ficando,  
E mais beijos elle dando....  
Eis te vê!... e conheceu  
Minha bella o engano seu!

Acho essa canção mui bonitinha e expressiva; assim são todos os versos do nosso joven poeta, cadentes e maviosos incendidos e cheios de um casto amor, que suavemente se entorna pelo coração ardente de mais de uma donzella para fazel-as scismar nas delicias de um porvir venturoso.

Outro joven, todo poesia e natureza, tem obsequiado as paginas do *Jornal das Senhoras* com suas encantadoras produções, é o Sr. Salomon, cujo genio poetico tomaria vôo mui subido, se elle podesse realizar os seus sonhos dourados.... O paiz perderá um verdadeiro genio; se o não aproveitarem.

E' pena trocar a poesia pelo garrido prosaído das noticias de bastidores: mas em fim la vae. Não vos fallo tão cedo da Stolts, em quanto eu não a vir cantando no theatro Provisorio paraa onde foi ella muit legal e acordadamente contractada. Isto como provecta, que uma reputação artistica há subido grangear no decurso dos muitos annos que tem cantado la pela Europa.

Como mulher terei de a defender.

Fallo-vos da Sirini, que chegou neste paquete, moça de vinte e dois annos, bella, amavel e com uma voz de anjo. Vai estrear no papel de Julieta na opera *Capuletos*, segundo dizem; eu quero primeiro uma amostrinha a ver se desbota.

Chegou tambem o tenor Bassadona que estreará no Othello, segundo o seu contract. O baixo profundo cuida afincadamente de preparar, limpar e afinar a voz que tem de ser julgada pelo mundo severo do respeitavel publico.

Por causa das duvidas, entrarão em ensaios os – Puritanos e a Ernani – e nessa ultima entra o Ribas: sua voz em outro tempo era bem agradavel no theatro de S. Pedro, se ainda a conservar em bom estado, por certo foi uma boa aquisição para o Provisorio.

Assim signora Zecchine, estude, estude bem e não desanime; dizem, e é verdade, que o seu nome principia pela ultima letraa do abecedario: estou que se trabalhar nehnma razão haverá para mudar-me a letra, quando o typo tão pouco uso tem.

Com efeito estreou na quinta-feira – a Saloia – no theatro de S. Januario: é um drama, como já vos disse, composição da estimavel redactora do nosso jornal, e a musica de que elle é entremeiado pertence ao maestro Noronha, seu esposo; vi e ouvi ambas as producções e gostei muito, mas abstenho-me de lhes tecer elogios por que, como sabeis, sou suspeita na causa.

Dimittiu-se a comissão do Provisorio; os Srs. Faro, Veiga e Santos Junior, depois de longos mezes de assíduos trabalhos e sacrificios, entregarão a direcção deste theatro ao Sr. Dr. João Antonio de Miranda.

Agora vejamos a minha carteira de lembranças o que me diz – magica apparente.... sociedade Phil’armonica de S. Christovão.... Chuva grossa na terça-feira ás 11 horas da manhã.... tempo fresco durante a semana.... casamento frustrado.... Mão! paremos aqui.

Dir-vos-hei que a magica pparente foi uma bella noite que passei no pitoresco Cosme Velho, em certa casa de um cavalheiro muito conhecido, entre muitas familias que forão da cidade e outras que lá estão passando o resto do outono. Fomos por elle convidadas para vermos trabalhar na magica apparente um curioso, tambem muito nosso conhecido, que por obsequio deu-nos uma pequena representação de muitas e variadas habilidades, todas cheias de graça e surpresa. Foi uma noite de prazer e de continuas risadas; o endiabrado magico a cada instante pregava-nos uma peça, ou tinha uma nova habilidade que nos apresentar! Quereis saber agora quem elle é? que curiosidade! Pois não digo desta vez.

A sociedade Phil’armonica de S.Christovão é uma bem agradavel reunião mensal. Ali a orchestra é composta de curiosos amadores, dignos de todo o elogio; as senhoras que cantão são interessantes, muito interessantes, e sua doce voz nos deixarão ficar fagueiras impressões; o baile, para o fim da noite permitido, é animado e influido por vivazes quadrilhas executadas por nova orchestra destinada para esse fim; dançou-se então com furor até ás duas horas da manhã, e é de crer que muita gente se retira-se saudosa de tão agradavel reunião, assim como me aconteceu. Fazemos votos pela sua prosperidade.

Que chueu grosso, terça-feira de manhã, todos os que se molharão sabem disto; não ha duvida nenhuma.

Que a semana foi fresca, peor um pouco; não ha quem o conteste, a menos que não tenha passado dias e noites encafuado em alguma estufa com medo *que o tirem por justiça*.

O casamento frustrado...

– minha ama, dá licença? Lá está em baxio o portador da casa da Sra. D. Joanna que vem buscar a *caderneta*.

– Pois sim, Santos, eu já a remetto.



O Santos chama a estes meus artigos *caderneta*, e ainda lhe não perguntei a razão; para outra vez e com vagar heide ouvil-o a este respeito.

Adeus, minha estimavel redactora. Sempre – o dito, dito.

14 de maio.

*Bellona.*

---

Rio de Janeiro — Typographia de Santo & Silva Juniorm Rua da Carioca n. 32.